

AFRODITE ZEÍDŌROS: UM ESTUDO SOBRE FUNÇÕES E EXPRESSÕES DE PHILOTES, SEGUNDO EMPÉDOCLES¹

Izabela Silva Cabral²

RESUMO: Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo são denominados por Empédocles de quatro raízes. Segundo ele, são essas quatro raízes que constituem e originam todas as coisas existentes. São elas a origem e o princípio de tudo quanto existe. Entretanto, dois princípios fundamentais operam diretamente sobre elas: *Philotes* e *Neikos*, o primeiro é identificado à deusa Afrodite, em versos que descrevem sua função na articulação e organização dos seres vivos. Logo, Empédocles apresenta o desenvolvimento do mundo e de tudo o que existe nele, através de seis princípios originários em um ciclo que flui eternamente. A finalidade deste artigo é investigar a função de *Philotes* nos seres organizados, ou seja, na fase mundana do ciclo cósmico, na expressão mítica dos trabalhos da deusa Afrodite, que também recebe os nomes de Alegria, Harmonia e Cipris.

Palavras-chave: *Philotes*. Afrodite. *Zeídōros*. Vida.

APHRODITE ZEÍDŌROS: A STUDY OF PHILOTES FUNCTIONS AND EXPRESSIONS, ACCORDING TO EMPEDOCLES

ABSTRACT: The four elements, earth, water, air and fire, are called the four roots by Empedocles. According to him, these four roots are the foundation and origin of all things in existence. They are the origin and principle of everything that exists. However, two fundamental

¹ Este artigo é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida entre dezembro de 2020 e outubro de 2022, sob orientação dos professores Henrique Modanez de Sant'Anna e Ivanete Pereira, no bojo do Mestrado Interinstitucional em Metafísica UnB-UFAM.

² Docente na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC). Tem mestrado em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: izabelacabral12@hotmail.com

principles act directly upon them: *Philotes* and *Neikos*, the first being identified with the goddess Aphrodite, in the verses describing her function in the articulation and organization of living things. Then Empedocles presents the evolution of the world and everything that exists in it through six original principles in a cycle that flows eternally. The purpose of this study is to examine the function of *Philotes* in organized living things, that is, in the mundane phase of the cosmic cycle, in the mythical expression of the works of the goddess Aphrodite, who also bears the names Joy, Harmony and Cypris.

Keywords: *Philotes*. Aphrodite. *Zeidōros*. Life.

1. CAMPO SEMÂNTICO DE PHILOTES E CORRESPONDÊNCIA COM AFRODITE

Natural de Agrigento, Empédocles, de acordo com Hipôbotos, era filho de Mêton e neto de Empédocles – segundo Diógenes Laércio (DL VIII 2,51). Sua vida é envolta em lendas, e ele é relacionado, pela doxografia, a filósofos como Parmênides, Anaxágoras e aos pitagóricos (DL VIII 7,54). Sabemos que ele foi um grande orador, pois Aristóteles atesta essa qualidade, considerando-o inventor da retórica (cf. DL VIII 1,57), e consta que ele foi mestre de Górgias, o sofista (DL VIII 7,58). A ele são atribuídas duas obras: *Da Natureza* (*Περὶ φύσεως*) e *Purificações* (*Καθαροί*).

Ao analisarmos o poema *Da Natureza* verificamos que ele é dirigido a uma só pessoa, Pausânias; ao passo que o *Purificações* é dedicado a um grupo de pessoas habitantes da parte alta de Agrigento. Do poema *Purificações* restaram trinta e sete fragmentos, retirados, especialmente a partir do marco do compêndio de Hermann Diels, entre final do século XIX e início do século XX³, de várias obras de filósofos e doxógrafos.

A interpretação dos fragmentos existentes dos poemas *Da Natureza* e *Purificações* foi complicada pelo debate acadêmico moderno sobre se eles

³ DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim, 1901.

de fato constituem duas obras, como Diógenes Laércio alegou, ou um único projeto filosófico, como alguns estudiosos como Inwood (2001) argumentaram. Esta última hipótese havia sido alimentada ainda mais pela publicação do *Papiro de Estrasburgo* (MARTIN & PRIMAVESI, 1999), que contém uma parte do poema *Da Natureza* com linhas que tradicionalmente haviam sido atribuídas às *Purificações*. Contudo, passado o fervor da discussão, boa parte dos estudiosos manteve a divisão clássica em dois poemas, como se vê, por exemplo, com André Laks e Glenn Most, no recente compêndio de textos pré-socráticos que editaram (2016).

Empédocles, segundo Aristóteles (e.g. *Metafísica* I 4, 985 a 29-33), foi o precursor da teoria das quatro raízes-elementos (ar, água, terra e fogo) juntamente com dois princípios ativos, *Philotes* e *Neikos*, sendo que *Philotes* é representada, pelo agrigentino, inúmeras vezes como Afrodite, divindade grega do amor e da beleza. Ao que tudo indica, Empédocles serviu-se de motes do mito e do culto popular relacionado à deusa, transmutando-os em elementos de sua hipótese filosófica sobre a vida.

Philotes é uma palavra composta pelo elemento φίλο-, “frequentemente empregado em compostos” – (cf. s.v. LSJ), + o sufixo –της. *Philos*, que pode ser relacionada particularmente com a hospitalidade. Possui um sentido mais amplo e mais forte do que o do vocábulo da Língua Portuguesa que o traduz. O *philos* e seus derivados possuem valores afetivos, que aparecem nos usos que qualificam relações internas do grupo pertencente à família: *phílos* “querido”, *Philotes* “amor”. Assim, aparentemente, nada mais simples do que a relação entre *philos* “amigo” e *Philotes*, *philia* “amizade”. *Philotes* em Homero, segundo Benveniste⁴, também pode ser entendido como amizade, uma amizade muito definida, que estabelece vínculos e supõe

⁴ BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Vol.I. Tradução de Denise Battman. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

compromissos recíprocos, com juramentos⁵ e sacrifícios. O termo grego *Philotes* é o que aparece nos fragmentos que chegaram até nós, como podemos conferir em DK 31 B 17, 20: [...] καὶ Φιλοτήs ἐν τοῖσιν, ἴσηι ὑηκόs τε πλάτος τε [...]⁶ (“E a Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura”).

Nesse verso que escolhemos (B 17, 20), portanto, destacamos o emprego do termo empedocliano Φιλοτήs (*Philotes*), que Cavalcante (1996) e Bignone (1963) traduzem por Amizade, no caso do segundo autor, *Amicizia*; KRS (1983) e Wright (1981) traduzem por Amor, *Love*.

Jean-François Balaudé na obra *Les Vocabulaire des Présocratiques*, aborda sinteticamente uma das ideias que queremos explorar no decorrer da nossa pesquisa:

De fato, a *Philotes* de Empédocles também é designada por ele como Afrodite, Harmonia, Cípris, e o modo como Parmênides introduziu o Amor faz parte de uma verdadeira cenografia mítica... *Philotes*, é uma força de união e harmonia, que dá consistência e domínio ao mundo. O amor reúne o que está disperso, desarticulado e o unifica, dá forma ao que falta e, além disso, transmite sua fecundidade ao que fecundou e formou.⁷ (BALAUDÉ, 2002, p. 9)⁸

⁵ Juramento também é o nome de um deus (ἄρκος). Os juramentos eram algo muito importante no contexto social e religioso grego, tanto que muitas vezes um deus era chamando, por meio de Hinos e Preces para se fazer presente no momento, a fim de atestar a veracidade daquele ato; sendo assim, é algo de extrema responsabilidade.

⁶ KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOFIELD. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Cp. DK 31 B 17, 7; B 19; B 20,2; B 21,8; B 26,5; B 35, 4 e 13.

⁷ “De fait, la philotès d’Empédocle est aussi désignée par lui comme Aphrodite, Harmonie, Cypris, et la façon dont Parménide introduisait l’Amour relève d’ une véritable scénographie mythique... Mais l’essentiel est sans doute là: ce qui est pensé à travers erôs et philotès, c’est une force d’union et d’harmonie, qui donne sa consistance et sa tenue au monde. L’amour rassemble ce qui est épars, disjoint, et l’unifie, il donne forme à ce qui en manque, et de surcroît il transmet sa fécondité à ce qu’il a fécondé et formé.”

⁸ BALAUDÉ, Jean -François. *Les Vocabulaire des PreSocratiques*. Ellipses Édition, 2002.

É sabido que motes homéricos e hesiódicos foram empregados por Empédocles. Para o nosso enfoque, interessará destacar a presença de elementos da *Teogonia* de Hesíodo⁹, referidos direta ou indiretamente pelo agrigentino, por exemplo, quando se trata da genealogia dos deuses. Contudo, nesse tema em particular, Empédocles “corrige” a teologia tradicional formulada na obra hesiódica, quando afirma que Afrodite, expressão de *Philotes*, ou seja, o Amor – e não Cronos – foi, originalmente, a divindade suprema (KRS, 1983, p. 334).

A referência à deusa Cípris “rainha” (DK 31 B 128), que corresponde a Afrodite na *Teogonia*, mostra que, segundo Empédocles, nem Ares, nem Zeus, nem Poseidon, nem Cronos poderiam ser deuses regentes em seu ideário, mas apenas a deusa. Nada mais natural, pois, para o agrigentino, Cípris-Afrodite é quem preside as formas dos seres compostos no mundo, e *Philotes*, princípio do qual ela é expressão, rege o estado mais excelente de unidade cósmica. Recolhamos traços míticos tradicionais da deusa, na medida em que os consideramos de algum modo presentes, ainda que transmutados, na formulação poético-filosófica de Empédocles.

De acordo com a mitologia grega, Afrodite é a divindade que rege o amor. Porém, essa não é a única função da deusa: paixão, fertilidade, abundância, beleza, graça são alguns dos inúmeros atributos associados à sua imagem. São muitas as narrativas míticas que a envolvem, inclusive as que relatam o seu nascimento. Na *Teogonia* de Hesíodo, versos 188-206, ela nasceu quando Cronos cortou os órgãos genitais de Urano, e os arremessou ao mar. A partir da espuma do pênis que se formou nas ondas do mar, surge Afrodite:

⁹ De fato, poderíamos ter explorado a rede de conexões com as poesias lírica e trágica contemporâneas a Empédocles, mas as limitações temporais da pesquisa exigiram o recorte.

O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou (188)
do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite (195)
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípris porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.¹⁰ (200)¹¹

Gerada desse líquido espumoso formado pelo esperma de seu pai e as águas do mar, Afrodite carrega dentro de si a essência do seu nascimento, que enfatiza o seu papel de promotora da fertilidade, pois, assim como as águas foram fertilizadas para o seu nascimento, a deusa fertiliza os caminhos por onde passa, como descreve Hesíodo nos versos 195-6 da *Teogonia*: “[...] e saiu veneranda bela deusa, ao redor relva crescia sobre seus esbeltos pés...”.

¹⁰ HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007. Daqui em diante, todas as citações da *Teogonia* procederão dessa edição, exceto se informarmos outra.

¹¹ Μήδεα δ' ὡς τὸ πρῶτον ἀποτομήξας ἀδάμαντι
κάββαλ' ἀπ' ἠπειρίοιο πολυκλύστῳ ἐνὶ πόντῳ,
ς φέρετ' ἄμ πέλαιγος πουλῶν χρόνον, ἀμφὶ δὲ λευκὸς
ἀφρὸς ἀπ' ἀθανάτου χρόδος ὤρνυτο· τῷ δ' ἐνὶ κούρῃ
ἐθρέφθη· πρῶτον δὲ Κυθήροισιν ζαθέοισιν
ἔπλητ', ἔνθεν ἔπειτα περιήρτυον ἴκετο Κύπρον. Ἐκ δ' ἔβη αἰδοίη καλὴ θεός, ἀμφὶ δὲ ποίη
ποσσὶν ὑπο ῥαδινοῖσιν ἀέξετο· τὴν δ' Ἀφροδίτην
ἀφρογενέα τε θεὰν καὶ εὐστέφανον Κυθήρειαν]
κικλήσκουσι θεοὶ τε καὶ ἄνδρες, οὐνεκ' ἐν ἀφρῶ
θρέφθη· ἀτὰρ Κυθήρειαν, ὅτι προσέκυρσε Κυθήροισι·
Κυπρογενέα δ', ὅτι γέντο πολυκλύστῳ ἐνὶ Κύπρῳ·
ἠδὲ φιλομμηδέα, ὅτι μηδέων ἐξεφάνθη.]

Afrodite, então, emerge das águas na ilha de Citera. Seus pés, ainda úmidos da espuma da qual foi criada, fertilizavam o solo da cidade, e por onde a deusa caminhava a relva nascia, medrando a vida no lugar. O *Hino Homérico*¹² VI¹³, em seus 21 versos, descreve com riqueza de detalhes a beleza física da deusa e sua chegada à ilha, e o que acontece com Afrodite, ao sair das águas logo após o seu nascimento:

Canto a formosa Afrodite, de láureas douradas e augusta,
Que tem por lote as cidades muradas de Chipre marinha
Toda, onde a úmida força do Zéfiro, tendo soprado,
Trouxe-a por cima das ondas do mar de múltiplas vozes
Dentro de espuma macia. As Horas de frisos dourados
A receberam gentis e a envolveram com veste ambrosina.
Sobre a cabeça imortal colocaram-lhe láureas bem-feitas,
Belas, lavradas em ouro. Nos lóbulos já perfurados,
Elas puseram-lhe enfeites de ouro estimado e oricalco
E lhe adornaram seus seios argênteos e o tenro pescoço
Com amuletos dourados, os quais são as joias que as próprias
Horas de frisos dourados costumam vestir quando vão
Rumo à mansão de seu pai para a dança adorável dos deuses.
Logo, depois de lhe ornarem sua forma de modo completo,
Elas levaram-na aos deuses eternos que a vendo a acolheram,
Dando-lhe as mãos e rogando poder conduzi-la pra casa,
Cada um dos deuses, na forma de sua legítima esposa,
Tanto Citéria das láureas violáceas os tinha espantado.

¹² Os hinos homéricos são uma série de 33 hinos, dedicados a diversas divindades com a função de invocar e homenagear os deuses na antiguidade. A autoria desses poemas não é conhecida sendo provável que uma longa tradição oral os tenha produzido, sendo chamados de homéricos devido analogias estilísticas. O metro desses hinos era o hexâmetro datílico, o que os situa ao lado da *Ilíada*, da *Odisséia*, dos poemas de Hesíodo e de outros poemas épicos.

¹³ Servimo-nos, nas citações de versos do Hino Homérico VI, da seguinte tradução: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ct/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Salve, senhora dos olhos furtivos, do doce que vence!
Dá-me vencer o presente certame e equipar-te em canção!
Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção!¹⁴
(ANTUNES, 2015)

Afrodite é a personificação da beleza, é aquela que une os pares no amor, que dá beleza ao mundo. Afrodite impera sobre um dos mais poderosos instintos da humanidade: a procriação, o instinto de reprodução, basicamente a sexualidade reprodutiva. É possível conferir essa relação de Afrodite com a sexualidade nos 6 primeiros versos do *Hino Homérico V*:

Musa, reconta-me os feitos da pluridourada Afrodite,
Cípris, aquela que incita nos deuses o doce desejo
E tem domínio nas tribos dos homens de todo mortais
E sobre as aves aladas e todos os tipos de feras,
Tanto as que vivem na terra bem como as nutridas no mar:

¹⁴ αἰδοίην, χρυσοστέφανον, καλὴν Ἀφροδίτην
ἄσομαι, ἢ πάσης Κύπρου κρήδεμνα λέλογχεν
εἰναλίης, ὄθι μιν Ζεφύρου μένος ὑγρὸν ἀέντος
ἦνικεν κατὰ κύμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης
ἀφρῶ ἔνι μαλακῶ: τὴν δὲ χρυσάμπυκες Ὕραι
δέξαντ' ἀσπασίως, περὶ δ' ἄμβροτα εἴματα ἔσσαν:
κρατὶ δ' ἔπ' ἀθανάτω στεφάνην εὐτυκτον ἔθηκαν
καλὴν, χρυσεῖην: ἐν δὲ τρητοῖσι λοβοῖσιν
ἄνθεμ' ὀρειχάλκου χρυσοῖό τε τιμήντος:
δειρῆ δ' ἄμφ' ἀπαλῆ καὶ στήθεσιν ἀργυφέοισιν
ὄρμοισι χρυσεῖοισιν ἐκόσμεον, οἷσί περ αὐταὶ
Ὕραι κοσμίεσθην χρυσάμπυκες, ὀππότε' ἴοιεν
ἐς χορὸν ἡμερόντα θεῶν καὶ δῶματα πατρός.
αὐτὰρ ἐπειδὴ πάντα περὶ χροῖ κόσμον ἔθηκαν,
ἦγον ἐς ἀθανάτους: οἱ δ' ἠσπάζοντο ἰδόντες
χερσὶ τ' ἐδεξιόωντο καὶ ἠρήσαντο ἕκαστος
εἶναι κουριδίην ἄλοχον καὶ οἴκαδ' ἄγεσθαι,
εἶδος θαυμάζοντες ἰοστεφάνου Κυθερείης.
χαῖρ' ἑλικοβλέφαρε, γλυκυμείλιχε: δὸς δ' ἐν ἀγῶνι
νίκην τῷδε φέρεσθαι, ἐμὴν δ' ἐντυνον αἰοιδῆν.
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' αἰοιδῆς.

Todas se ocupam dos feitos da bem laureada Citéria.¹⁵
(ANTUNES, 2015)¹⁶

Nesses versos, é possível notar o vasto campo de atuação da deusa e o poder avassalador que Afrodite desempenha perante os deuses do Olimpo e todos aqueles seres vivos da terra, do mar ou do ar. Porém, mais adiante, nos versos seguintes 8-23 do mesmo *Hino*, são especificadas as únicas divindades que não são afetadas por esse doce desejo incitado pela deusa:

[...] O da donzela de Zeus porta-égide, Atena glaucópida, pois não se apraz com os feitos da pluridourada Afrodite. [...] Ártemis de áureos projéteis, de graves barulhos, tampouco pode Afrodite amadora do riso domar na paixão. [...] Nem para a augusta donzela compraz o labor de Afrodite, Héstia, que Crono de curvo pensar engendrou por primeiro, Sendo a mais nova também por vontade do egífero Zeus.¹⁷ (ANTUNES, 2015)

Atena, Ártemis e Héstia são as deusas que escapam desse maravilhoso e magnífico poder de Afrodite. Ao explicitar que essas três divindades

¹⁵ Μούσα, ξαναπες μου τα κατορθώματα της πολύχρυσης Αφροδίτης, Κύπρις, αυτή που υποκινεί στους θεούς τον γλυκό πόθο
Και έχει κυριαρχία στις φυλές των ανθρώπων όλων των θνητών
Και για τα φτερωτά πουλιά και κάθε είδους άγρια ζώα,
Τόσο εκείνοι που ζουν στη στεριά όσο και εκείνοι που τρέφονται στη θάλασσα:
Όλοι τους ασχολούνται με τα πεπραγμένα της καλά εκτοξευμένης.

¹⁶ Nas citações do Hino Homérico V, usamos a seguinte versão: ANTUNES, Leonardo. Hino Homérico 5, a Afrodite. Neolympikai, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.

¹⁷ [...] Αυτή της αιγίδας υπηρέτριας του Δία, Αθηνάς γλαυκοπίδας, γιατί δεν την ευχαριστούν τα κατορθώματα της πολύχρυσης Αφροδίτης.
[...] Η Άρτεμη των χρυσών βλημάτων, των σοβαρών θορύβων, ούτε η Αφροδίτη, ερασιπέχνης του γέλιου, μπορεί να δαμάσει στο πάθος. [...] Ούτε η αυγουσιάτικη κοπέλα δεν ευχαριστεί το έργο της Αφροδίτης, η Εστία, την οποία ο Κρόνος της καμπύλης σκέψης γέννησε πρώτος, Όντας ο νεότερος και από τη θέληση του αιγόφερτου Δία.

são as únicas capazes de ficarem, de certa forma, “imunes” aos encantos da deusa do amor, o poeta enfatiza que todo e qualquer outro deus ou mortal está submetido ao poder avassalador da Citéria.

A ampla gama de textos e referências sobre Afrodite permitem acesso ao cosmos que a engloba e as diversas formas que ela vem sendo representada ao longo do tempo. Com Empédocles, a reencontramos como uma expressão fundamental de *Philotes*, e podemos declarar que, para o filósofo de Agrigento, a deusa é responsável pela formação e organização dos seres vivos, o que evidencia uma forte pervivência do fundo mítico tradicional, embora em outra chave.

Podemos também dizer que, para Empédocles, o amor é presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite. Os seres mortais são formados a partir das raízes – terra, ar, água e fogo –, com mediação dos movimentos operados por *Philotes*, ou Afrodite, e *Neikos*. A ação de *Philotes* une raízes diferentes, e assim, formam-se as coisas particulares, bem como a estrutura de todo o cosmos. Por sua vez, *Neikos* separa esses elementos, desagregando estrutura. Mas, segundo Primavesi (2016, p.5), embora a função de *Neikos* seja a de dissolver as combinações de diferentes elementos, tanto *Philotes* quanto *Neikos* têm sua parte na composição do cosmos.

Seja como for, da análise dos versos, resulta que o filósofo de Agrigento parece ter realizado não só uma associação divina de *Neikos* com a deusa Éris¹⁸ (DK 31 B 20,4; DK 31 B 122,2), que nos escritos gregos é conhecida como a deusa da discórdia, mas também, no fragmento DK 31 B 128,

¹⁸ A deusa em tudo o que toca ou participa, inevitavelmente gera antagonismo, confronto, disputa, ódio, violência e destruição. Hesíodo, em sua Teogonia aponta a entidade como filha sem pai de Nix, a Noite. Nesse caso, ela seria irmã de Thanatos, a Morte, Hypnos, o Sono, além de muitos outros. Já Homero, aponta Hera e Zeus como pais da deusa. No caso, não de forma concreta, mas apenas destaca Éris como “irmã” de Ares, o deus da guerra. Como Ares era filho de Zeus e Hera, subentende-se sua linhagem.

estabeleceu relações de *Neikos* com: Kydoimos, personificação da desordem (HOMERO, *Iliada*, 18, v. 535); Ares, deus da guerra sangrenta (HESÍODO, *Teogonia*, v.922); Zeus, porta égide pai dos deuses e dos homens (HESÍODO, *Teogonia*, v.11); Cronos de curvo pensar (HESÍODO, *Teogonia*, v.427); Poseidon, deus dos mares e oceanos (HESÍODO, *Teogonia*, v. 426); todos em oposição a *Philotes* que, frequentemente expressada pelo nome da deusa Afrodite, ou ainda Cípris, como podemos conferir nos versos 23 e 24 do fragmento DK 31 B 17 (SIMPLÍCIO, *Física*, 157): “[...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite”¹⁹. E no fragmento DK 31 B 73 (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 530, 8): “E como outrora Cípris a terra quando a molhou em chuva, formas diligenciando a rápido fogo deu para firmar [...]”²⁰.

Retomando os versos 195-6 da *Teogonia*, nos quais Hesíodo descreve o momento em que a relva crescia ao redor dos pés de Afrodite, ao chegar à ilha de Citera, destacamos como notável a atribuição, à deusa, do nascimento e crescimento de flores, plantas e a árvores. Talvez seja possível estabelecer uma relação entre esses versos da *Teogonia* com o testemunho de Aécio (DK 31 A 70) em que de acordo com Empédocles as árvores foram as primeiras coisas vivas a brotarem da terra. DK 31 A 70:

Empédocles diz que as árvores foram os primeiros animais a crescer da terra, antes que o sol se desdobrasse em torno dela e antes que a noite e o dia fossem separados; devido à simetria de sua mistura, eles incluem a natureza [logos] do masculino e do feminino. (AÉCIO, *Dox.Gr.*, 406 apud INWOOD, 2001, p. 186).²¹

¹⁹ τῆ τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,
Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμοι ἤδ' «Ἀφροδίτην»

²⁰ ὡς δέ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἔδιηεν ἐν ὄμβρῳ,
εἶδεα πομπνῦουσα θοῷ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

²¹ “Empedocles says that trees were the first animals to grow up from the earth, before the sun

Podemos corroborar essa afirmação com o fragmento DK 31 B 79, transmitido por Aristóteles: “E assim põe ovos primeiro as grandes oliveiras...”²² (*Da Geração dos Animais*, I, 23. 731 a 1.) Segundo Pereira (2019, p.253), “as árvores são os seres vivos mais próximos de *Philotes* e as mais diletas súditas de Afrodite”.

Empédocles propôs, pela primeira vez, a influente teoria das quatro raízes (água, terra, ar e fogo), segundo Aristóteles: “Empédocles foi o primeiro a dizer que os elementos de natureza material são quatro em número” (*Metafísica* I 4, 985 a 29-33)²³ e a introduziu *Philotes* e *Neikos* como princípios cósmicos do movimento:

[...] como era evidente na natureza a existência de coisas contrárias às boas, assim como a existência não só da ordem e beleza, mas também da desordem e feiura, e a existência de males mais numerosos do que os bens, e coisas feias em maior número do que belas, houve outro pensador que introduziu a Amizade e a Discórdia como causas, respectivamente, desses contrários.²⁴ (*Metafísica* I 4, 984 b 32-985 a 4)

Essa alternância, registrada por Aristóteles em chave ética, parece levar às combinações dos elementos que produzem o mundo fenomênico enquanto fase, entre a mistura completamente homogênea dos elementos em uma esfera sob ação de *Philotes* e a completa separação dos mesmos sob ação de *Neikos*. A função de *Philotes*, no mundo fenomênico, seria, então,

was unfolded around it and before night and day were separated; because of the symmetry of their blend they include the nature [logos] of male and female.”

²² οὕτω δ' φωτοκεῖ μακρὰ δένδρεά πρώτων ἑλαίας.

²³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001.

²⁴ πρὶ δὲ καὶ τάναντία τοῖς ἀγαθοῖς ἐνόητα ἐφαίνετο ἐν τῇ φύσει, καὶ οὐ μόνον τάξις καὶ τὸ καλὸν ἀλλὰ καὶ ἀταξία καὶ τὸ αἰσχρὸν, καὶ πλείω τὰ κακὰ τῶν ἀγαθῶν καὶ τὰ φαῦλα τῶν καλῶν, οὕτως ἄλλος τις φιλίαν εἰσήνεγκε καὶ νεῖκος, ἑκάτερον ἑκατέρων αἴτιον τούτων.

combinar diferentes elementos ou pequenas porções de elementos, como é dito no fragmento DK 31 B 35.4-6: “[...] e que em pleno torvelhinho Amizade fica, nela todas estas (coisas) convergem a ser um só, não de vez, mas queridas compondo-se uma de cada canto.”²⁵ Ao misturar os elementos, *Philotes* forma coisas vivas e convence as raízes a se misturarem entre si, de boa vontade (CURD, 2016, p.66).

Patricia Curd se utiliza do termo “força criativa” (“*creative force*”) para definir *Philotes*, no sentido de que é o amor que combina ingredientes diferentes na formação de ossos ou carne, ou reúne animais para produzir outros (CURD, 2016, p.70). Então, para Empédocles, é *Philotes* que mistura e combina as raízes para formar a imensidade de criaturas mortais que nós conhecemos. Em vários versos Empédocles invoca a imagem de *Philotes-Afrodite* como esse poder criativo (DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 87), que também atende pelo nome de Harmonia (DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2), mais um heterônimo empregado por Empédocles para designar um de seus poderes motores (AFONASINA, 2012, p.66), que é *Philotes*.

Nota-se que, ao abordarmos a filosofia empedocliana, mesmo que o foco seja voltado para a atuação de *Philotes* nos seres organizados, é preciso citar e explicitar a função de *Neikos* na alternância da regência dos elementos-raízes, apesar de a complexidade da ação de *Philotes-Afrodite* ser muito maior, comparada à ação de *Neikos*, visto que a atividade de Afrodite, inclui modelar todas as estruturas detalhadas de corpos vivos, de acordo com seu aparente desejo de preservá-los como indivíduos e como espécies (BUTLER, 2018)²⁶.

²⁵ δίνης, ἐν δὲ μέσῃ φιλότῃς στροφάλλιγγι γένηται,
ἐν τῇ δὴ τάδε πάντα συνέρχεται ἐν μόνον εἶναι, οὐκ ἄφαρ,
ἀλλὰ θελημὰ συνιστάμεν' ἄλλοθεν ἄλλα.

²⁶ BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*,

2. EXPRESSÕES DE PHILOTES NA FASE MUNDANA DO CICLO

Foi dito que Empédocles cita em seus fragmentos uma série de figuras divinas que estão inseridas no campo poético de Homero e Hesíodo. *Philotes* corresponde a Afrodite, a deusa que articula a vida. Ela parece ser a divindade por excelência, personificação simbólica do poder divino, o único princípio de tudo que une, que une e que cria inúmeros vínculos entre os seres. Contudo, a deusa não é a única “expressão de *Philotes* na fase mundana do ciclo cósmico” (PEREIRA, 2019). Harmonia, Alegria, Cípris, são algumas das expressões que podem ser encontradas nos fragmentos do filósofo de Agrigento. Tais fragmentos com as expressões de *Philotes* podem ser conferidos no quadro abaixo:

Harmonia (Ἀρμονίη)	DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2
Alegria (Γηθοσύνην)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 27;
Cípris (Κύπρις)	DK 31 B 73; DK 31 B 75; DK 31 B 95; DK 31 B 98; DK 31 B 128,3;
Afrodite (Ἀφροδίτη)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 86; DK 31 B 87;

Agora, reunamos subsídios para pensar sobre possíveis sentidos de cada um desses nomes-expressões de *Philotes*.

2.1. HARMONIA (APMONIH)

Começaremos por Harmonia, segundo a mitologia grega. Essa deusa aparece no *Hino Homérico a Apolo* e na *Teogonia* hesiódica, como uma

v.4, n.2, 2018, p. 40-53.

antiga divindade beócia que, provavelmente, foi superada por Afrodite (CUNHA,1998, p.182). Harmonia compartilhava da maior parte das atribuições da nova deusa estrangeira, e ela não desapareceu, mas passou a integrar o cortejo de Afrodite como figura menor, o que podemos conferir no *Hino Homérico III*, a Apolo, versos 194-199:

[...] Graças de belos cabelos, então, com as álacres Horas, Hebe, Harmonia e também com a filha de Zeus, Afrodite, Dançam reciprocamente seguras com mãos em seus pulsos junto em seu meio alguém canta, não sendo nem fraca nem feia, Mas muito grande de ver e espantosa na sua feitura, Ártemis, hábil flecheira, criada contígua de Apolo.²⁷ (ANTUNES, 2015)

As Musas cantam ao som da cítara de Apolo. O deus toca e dança, pisando alto e soltando faíscas de seus pés. Tudo brilha ao seu redor. Harmonia dança em um círculo, de mãos dadas com as Graças, as Horas, Hebe e Afrodite. Com elas, mas não no mesmo coro, Ártemis canta, enquanto Ares e Hermes dançam à parte. Harmonia é filha de Ares e Afrodite na *Teogonia* (v. 937) e, como filha de Afrodite, presidia a harmonia conjugal, suavizando o conflito e a discórdia. Como filha de Ares, representava a ação harmoniosa na guerra. Harmonia foi representada também como uma divindade alegórica, presidindo a harmonia cósmica e participando do cortejo de Afrodite, como já dito acima. Como agente ou auxiliar de sua mãe, Harmonia incorpora um princípio de união ou de amor. Acreditamos que foi a partir do mito da

²⁷ [...] Χάριτες ξανθῶν μαλλίων, λοιπόν, με τις χαρμόσυνες Ὠρες, Ἡ Ἥβη, ἡ Ἀρμονία καὶ ἐπίσης με τὴν κόρη τοῦ Δία, τὴν Ἀφροδίτη, Χορεύουν ὁ ἕνας τὸν ἄλλον κρατώντας τὰ χέρια στους καρπούς τους μαζί, ἐνῶ κάποιος τραγουδάει, οὔτε ἀδύναμος οὔτε ἀσχημος, Ἀλλὰ πολὺ μεγάλο καὶ εκπληκτικὸ σὴν κατασκευὴ τοῦ, Ἄρτεμις, δεξιότηχνης τοξότης, δούλη συνεχόμενη τοῦ Ἀπόλλωνα.

deusa que Empédocles desenvolveu mais essa expressão de *Philotes*, que podemos encontrar em pelo menos quatro fragmentos do filósofo, transmitidos por Simplício em seus comentários à *Física* de Aristóteles. Simplício comenta que Harmonia é outro nome para *Philotes*-Afrodite “a artesã das coisas vivas e de suas partes” (CUNHA, 1999, p.183), como neste grupo de versos:

Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos,
homens em arte bem entendidos por seu talento,
os quais quando tomam em mãos pigmentos multicores,
em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos,
deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem,
árvores estatuindo e também homens e mulheres,
e feras e pássaros e peixes que se criam n’água,
e mesmo deuses de longa vida e em honra supremos;
assim não te vença engano (com) o senso de que outra é
de mortais (coisas) a fonte, quantas infinitas se mostraram,
mas claramente sabe isto, de um deus (o) mito tendo ouvido.²⁸

No fragmento acima, DK 31 B 23²⁹, podemos perceber a relação de analogia que Empédocles estabelece entre a geração dos seres vivos (árvores, homens, mulheres, feras, pássaros e peixes), a partir das quatro raízes, e a arte da pintura, cujas produções resultam da mistura de um número

²⁸ ὡς δ' ὀπότεν γραφεές ἀναθήματα ποικίλλωσιν,
άνερες ἀμφί τέχνης ὑπό μήπιος εὐ δεδάωτε,
οἱ τ' ἐπεὶ οὖν μάρμωσι πολύχροα φάρμακα χερσίν,
ἀρμονίη μίζαντε τά μὲν πλέω, ἀλλὰ δ' ἐλάσσω,
ἐκ τῶν εἶδεα πάσιν ἀλίγκια πορσύνουσι,
δένδρεά τε κτίζοντε καὶ άνέρας ἠδέ γυναίκας,
θήράς τ' οἰωνούς τε καὶ ὕδατοθρέμμονας ἰχθύς,
καὶ τ ε θεοῦς δολιχαίωνας τιμήσι φερίστους'
οὔτω μή σ' ἀπάτη φρένα καινύτω ἄλλοθεν εἶναι
θνητῶν, δσσα γε δῆλα ἴγεγάσιν} ἄσπετα, πηγῆν,
ἀλλά τορῶς' ταῦτ' ἴσθι, θεοῦ πάρα μῦθον ἀκουσας.

²⁹ Em todas as citações dos fragmentos de Empédocles, servimo-nos da tradução de José Cavalcante de Souza, em: *FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Trad. José Cavalcante de Souza, *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

limitado de pigmentos. Assim como o pintor utiliza de pigmentos para obter a arte desejada, a alternância entre as duas forças motivadoras resulta na geração de tudo, a partir da combinação das quatro raízes. Então, assim como quando os pintores conseguem representar tudo que sentem por meio de pigmentos de várias cores, Harmonia faz com que tudo neste mundo surja das quatro raízes.

Segundo Afonasina, é no fragmento DK 31 B 23 que Harmonia representa proporção, também mencionada no fragmento DK 31 B 96, que veremos mais adiante. Harmonia por vezes é heterônimo da deusa como em DK 31 B 96 e DK 31 B 122, mas, ao menos em um fragmento DK 31 B 23 é, no dizer de Afonasina, “instrumento nas mãos de Afrodite” (AFONASINA, 2012, p.72).

Avançamos então para a Harmonia do fragmento DK 31 B 27, preservado por Plutarco, em sua obra *Da Face da Lua*:

Ali nem de sol são distinguidos ágeis membros, nem tampouco
de terra força hirsuta, nem mar;
de tal modo em cerrado invólucro de Harmonia está fixado
Esfero torneado, alegre em sua solidão circular³⁰.

É Harmonia que mantém o *Sphairos* imóvel e uno, e a podemos considerar ainda como um princípio de coesão, aqui diretamente correspondente a *Philotes*, enquanto *Neikos*, o princípio oposto e complementar de separação, é descrito como sendo “destruidor, pernicioso e furioso” (DK 31 B 17,9; DK 31 B 19, DK 31 B 115,14). Segundo Wright (1981, p.186), o contexto de Plutarco define firmemente uma descrição dos quatro elementos completamente não misturados sob reinado de *Neikos*, antes de harmonizados pelo poder de

³⁰ οθής, χωρές τό βαρύ πάν καέ χωρίς πιθεές τό κοῦφον^ ένθ' οὐτ' ήελίοιο ἴδεδίπτεταιἰ άγαλόν είδος, οὐδέ μέν οὐδ' αἴης λάσιον μένος, οὐδέ θάλασσα

Philotes. Assim, por um processo regular, a consciência divina que era parcial e perturbada nos elementos, lançada no vórtice do *Philotes* e de *Neikos*, combina-se na unidade harmônica do *Sphairos*, o deus bem-aventurado que em paz reagrupa os espíritos inquietos do mundo (BIGNONE, 1963, p. 601).

A união de fogo, terra, água e ar no fragmento DK 31 B 96 de Empédocles também é obra de Harmonia:

Mas a terra amorosa em amplos recipientes,
duas partes das oito recebeu de Nestis brilhante,
e quatro de Hefesto; e os ossos brancos nasceram,
pelo cimento de Harmonia divinamente ajustados.³¹

Este fragmento, transmitido por Simplicio, traz de volta a noção de proporção já citada no fragmento DK 31 B 23. Empédocles faz de *Neikos* e de *Philotes* as causas formais entre os princípios, de acordo com a proporção pela qual eles fizeram nascer todas as coisas. Assim, a carne e os ossos e cada uma das outras partes corpóreas são formadas em uma certa proporção, ou seja, graças a causas divinas *Philotes* e *Neikos* e, sobretudo, a *Philotes* ou Harmonia; porque as coisas são ajustadas por suas colas (BOLLACK, 1969, p.384), como podemos conferir no verso 4, de DK 31 B 96. Este fragmento descreve o trabalho de Harmonia relativamente à proporção de cada raiz para a formação dos ossos, o que se encaixa perfeitamente com o que é referido nas três primeiras linhas do fragmento, citadas com aprovação por Aristóteles (WRIGHT, 1981, p.209), em *Sobre a Alma* 410a 1-6: “Pois cada coisa não são os elementos em nenhuma condição antiga, mas em certa proporção e combinação, como Empédocles diz sobre o osso: (DK 31 96.1-

³¹ ἡ δὲ χθων ἐπίηρος ἐν εὐστέρνοις χοάνοισι
τῷ δὺω τῶν ὀκτῶ μερέων λάχε Νήσιτιδος αἴγλης,
τέσσαρα δ' Ἡφαίστιοιο' τὰ δ' ὀστέα λευκὰ γένοντο,
ἀρμονίης κόλλησιν ἀρηρότα θεσπεσ'ιηθεν.

3)”. Isso por mostrar que não são os elementos-raízes de que algo é feito que conferem à coisa o seu caráter, isto é, a proporção de sua combinação. Estamos, portanto, diante de um fragmento fundamental para a descrição dos trabalhos de Afrodite. Leiamos, agora, o fragmento DK 31 B 122, transmitido por Plutarco, na obra *Da Tranquilidade da Alma* 15, 474 B:

Lá estavam Subterrâneas e Vista-de-Sol que ao longe vê,
Batalha sanguinolenta e Harmonia de manso olhar, e Belíssima
e Feia, Rápida e Demorada,
Infalível amorosa e, de negras pupilas, Incerteza.³²

Plutarco contrasta as personificações enquanto espécies de espíritos do bem e do mal que acompanham os homens ao longo da vida: batalha e Harmonia, belo e feio, rápido e demorado, *Philotes* e *Neikos*. Os membros de cada par, no entanto, não são todos opostos e vistos, obviamente, como bons e maus. Antes, é possível que se atraíam e complementem, um dependendo da existência do outro (WRIGHT, 1981, p. 280).

A artesã que vemos trabalhar em todos esses fragmentos é Afrodite, que combina os quatro elementos para construir as formas e cores de compostos temporários como podemos conferir em DK 31 B 71: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite.”³³ (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, p. 28).

³² ἐνθ' ἦσαν Χθον'ιη τε καί Ἥλιόπη ταναώπις,
Δήρ'ις θ' αἰματόεσσα καί Ἀρμονίη θεμερωπις,
Καλλιστώ τ' Αἰσχροίη τε, θόωσά τε
Δηναίη τε, Νημερτής τ' ἑρόεσσα μελάγκουρός τ' Ἀσάφεια.

³³ εἰ δέ τί σοι περὶ τῶνδε λιπόζυλος ἐπλετο π'ίστις,
πῶς ὕδατος γὰ'ιτης τε καὶ αἰθέρος ἡελίου τε
κίρνομένων εἶδη τε γενοῖατο χροιά τε θνητῶν
τόσσ' ὄσα νῦν γεγάασι συναρμοσθέντ' Ἀφροδίτη

Ora, todas as coisas que, tendo sido compostas por Afrodite, agora existem. Wright observa que o particípio “reforça a noção de que não se trata de uma mistura, mas de um ajuste das partes para fazer o todo” (1981, p. 280). O mesmo vale para o fragmento DK 31 B 23 onde não se trata de uma “mistura” de cores a fim de se obter, com Harmonia, diversas tonalidades, mas de uma justaposição de cores diferentes.

Do exposto, percebemos que a Harmonia é um dos conceitos centrais da filosofia do Agrigentino, pois abrange vários níveis da sua zoogonia. Assim, podemos dizer que a Harmonia se revela nas raízes-elementos, unindo-os como cola, tanto na fase mundana do ciclo, como na estruturação do todo uno, ou seja, do *Sphairos* (SOUZA, 2018).

2.2 ALEGRIA (ΓΗΘΟΣΥΝΗΗ)

As três Graças são as divindades da beleza. São elas que espalham a alegria na natureza e no coração dos homens, e até no dos deuses. Moram no Olimpo, na companhia das Musas, com as quais as vezes fazem coros. Elas são representadas como três irmãs que têm os nomes de Eufrosina, Talia e Aglaia. Têm Zeus como pai, e como mãe Eurínome, filha de Oceano, “de cujos olhos brilhantes esparge-se o amor solta membros, e belo brilha o olhar sob os cílios” (HESÍODO, *Teogonia*, v. 910-911).

Atribui-se às Graças toda a espécie de influências nos trabalhos do espírito e nas obras de arte (RAGUSA, 2001, p.117). Elas emprestam sua graça e beleza a tudo o que deleita e eleva deuses e homens. Foram elas que teceram a veste de Harmonia. Acompanham de bom grado Atena, deusa da guerra astuciosa e da inteligência. Eram associadas à deusa Afrodite, fazendo parte de sua comitiva e acompanhando-a em todos os lugares (RAGUSA, 2001, p.117). Encontramos referência a Alegria nos fragmentos

de Empédocles, aqui retomando DK 31 B 27: “[...] Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (PLUTARCO, *Da Face da Lua*, 12, p.926 d). No mesmo sentido, o fragmento DK 31 B 28 “[...], Mas o de todo lado igual a si mesmo e todo infinito / Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (ESTOBEU, *Éclogas*, I, 15, 2 ab). Finalmente, temos o verso 24 do fragmento DK 31 B 17: “[...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. [...]”³⁴ (SIMPLÍCIO, *Física*, 157).

Sob a influência de *Philotes*, os elementos-raízes se combinam em uma esfera homogênea (*Sphairos*), harmoniosa, resplandecente, alegre, unidos e ajustadas, enquanto na fase mundana, Alegria está associada ao pensamento e ao labor humano, no âmbito ético-amoroso de *Philotes*- Afrodite.

2.3 CÍPRIS (ΚΥΠΡΙΣ)

Eu cantarei a nativa de Chipre, Citéria, que aos homens
Dá seus presentes gentis, com sorrisos no rosto adorável
Sempre e adorável também sendo o brilho que cobre a sua tez.
Salve, deidade, que tens Salamina bem-feita em tua guarda e
Chipre banhada no mar! Para mim, dá uma amável canção!
Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção! ³⁵
(*Hino Homérico X*, a Afrodite.³⁶)

Afrodite que surgiu “das ondas do mar”, tão logo nasceu, foi levada pelas ondas ou pelo vento Zéfiro para Citera e em seguida para Chipre, ter-

³⁴ τῆι τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι

³⁵ υπρογενῆ Κυθέρειαν ἀείσομαι, ἥτε βροτοῖσι
μείλιχα δῶρα δίδωσιν, ἐφ’ ἡμερτῶ δὲ προσώπῳ
αἰεὶ μειδίαιε καὶ ἐφ’ ἡμερτὸν θέει ἄνθος.
χαίρε, θεά, Σαλαμῖνος εὐκτιμένης μεδέουσα
εἰναλίης τε Κύπρου: δὸς δ’ ἡμερόεσσαν ἀοιδῆν.
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ’ ἀοιδῆς

³⁶ Tradução citada: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ras consideradas como a pátria de Afrodite e que lhe deram os epítetos de Citeréia e Cípris, como podemos conferir retomando os versos 201-206 da *Teogonia* de Hesíodo:

[...] Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípris porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.³⁷

Afrodite, a áurea deusa *Cípris*, assim como aquilo a que denominamos “amor”, tem múltiplas faces, desde a mais suave até a mais ameaçadora. Segundo Hesíodo³⁸ (*Teogonia*, v. 209-211) são essas as honrarias da deusa:

[...] Esta honra tem dês o começo e na partilha
coube-lhe entre homens e Deuses imortais
as conversas de moças, os sorrisos, os enganãos,
o doce gozo, o amor e a meiguice.³⁹

No fragmento DK 31 B 73, cuja fonte é Simplicio, encontramos a primeira referência a Cípris nos fragmentos de Empédocles: “E como outrora Cípris a terra, quando a molhou em chuva, formas diligenciando, ao rápido fogo deu para firmar.”⁴⁰

³⁷ Τῆ δ' Ἔρος ὠμάρτησε καὶ Ἴμερος ἔσπετο καλὸς
γεινομένη τὰ πρῶτα θεῶν τ' ἔς φύλον ἰούση.
Ταύτην δ' ἔξ ἀρχῆς τιμὴν ἔχει ἠδὲ λέλογχε
μοῖραν ἐν ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι,
Παρθενίους τ' ὄαρους μειδήματά τ' ἔξαπτάς τε
τέρψιν τε γλυκερὴν φιλότητά τε μελιχίην τε.

³⁸ HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

³⁹ φάσκε δὲ πταίνοντας ἀτασθαλίη μέγα ῥέξαι

ἔργον, τοῖο δ' ἔπειτα τίσιν μετόπισθεν ἔσεσθαι. Νύξ δ' ἔτεκεν στυγερόν τε Μόρον καὶ Κῆρα μέλαιναν

⁴⁰ ὡς δὲ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἐδίηεν ἐν ὄμβρῳ,
εἶδεα πομπῆουσα θοῶ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

O fragmento é citado por Simplício, junto com DK 31 B 71, DK 31 B 75, DK 31 B 86, DK 31 B 87, DK 31 B 95 – e todos mencionam *Philotes*-Afrodite-Cípris como artesã responsável pelas formas de vida e suas partes. Simplício acrescenta que Empédocles está falando sobre o cosmos.

A linguagem de DK 31 B 73 é a do oleiro e suas formas de barro, ume-dicidas e depois queimadas (WRIGHT, 1981, 233). Acreditamos que Afrodite ocupa o papel de Zeus Cronida, do soberano de Olimpo e criador dos fenômenos naturais. Ora, Empédocles diz isso claramente nos versos iniciais do fragmento DK 31 B 128, cuja fonte é Porfírio (*Da Abstinência*, II, 20):

Nem para aqueles era algum deus Ares, nem Kydoimos, nem Zeus soberano, nem Cronos, nem Posidão, mas Cipris, rainha [...]

Esta com piedosas oferendas propiciavam, com pinturas de animais e perfumes de rica fragância, com oblações de mirra pura e de incenso perfumado, libações de mel dourado derramando sobre o solo; e com puro sangue de touros não se aspergia altar, mas isto era uma mácula, a maior entre homens, arrancar uma vida e devorar nobres membros.⁴¹

Nos versos 1 e 2, *Neikos* teria um fio condutor com todas as divindades nomeadas. Para M. R. Wright, (1981, p.282), a ligação de Cípris com

⁴¹ οὐδέ τις ἦν κείνοισιν Ἄρης θεός οὐδέ Κυδοιμός οὐδέ Zeus βασιλεύς οὐδέ Κρόνος οὐδέ Ποσειδών, ἀλλά Κύπρις βασιλεία, ἢ ἔστιν ἢ φιλία' τὴν οἱ γ' εὐσεβέεσσιν ἀγάλμασιν ἰλάσκοντο γραπτοῖς τε ζφροισι μύροισι τε δαιδαλεόδομοις σμύρνης τ' ἀκρήτου θυσίαις λιβάνου τε θυώδους, ξανθῶν τε σπονδάς μελίτων ρίπτοντες ἔς οὐδας, ἄπερ καί νῦν ἐπι σφζεται παρ' ἐν'οῖς οἶον ἴχνη τινά τῆς ἀληθείας ὄντα, ταύρων δ' Χάκρ'ιτοισιΧ φόνους οὐ δεύετο βωμός, ἀλλά μύσος τοῦτ' ἔσκεν ἐν ἀνθρώποισι μέγιστον, θυμόν ἀπορραΐσαντας ἐέδμεναι ἡέα γυῖα

Philotes é clara, ao serem oferecidos à deusa, que era considerada como padroeira das criaturas, quando todas viviam sob a influência da amizade, perfumes, incenso, mirra e mel (WRIGHT, 1981, p.283), ofertas sem sangue, pertencentes ao início da história da humanidade. Era “quando” *Philotes* controlava tudo, e ninguém matava nenhum animal, na crença de que os outros animais são nossos parentes. Mas quando Ares e Kydoimos e todos os tipos de batalha e o início das guerras tomaram o controle, então pela primeira vez ninguém poupou nenhum de seus parentes (INWOOD, 2001, p.146).

Recordamos aqui que Empédocles afirma que *Philotes*, ou seja, Amor/Amizade, e não Cronos, foi originalmente a divindade suprema (KRS, 1983, p. 334). A negação do reinado de Cronos, segundo Wright (1981, p.283), se dá em contraste com o reinado da Idade de Ouro de Hesíodo⁴². Neste período, os sacrifícios eram realizados com animais, o que Empédocles considera como um assassinato de seus próprios parentes como podemos conferir em DK 31 B 136: “Não ireis parar com matança de sinistros ecos? Não vedes que uns aos outros vos devorais em desmazelos de mente?”⁴³ Também em DK 31 B 137, lemos:

De forma mudado o próprio filho o pai, erguendo-o,
degola fazendo uma prece, grande tolo; e se perturbam
o suplicante sacrificando; e surdo aos próprios clamores,
feita a degola, prepara em casa infame festim.
E assim mesmo o filho agarra o pai e as crianças a mãe,

⁴² O termo idade de ouro, vem da mitologia grega, sendo descrita na obra *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo. Refere-se ao mais antigo período da mitologia grega, que divide a evolução da espécie humana em cinco períodos: Idade de Ouro; Idade de Prata; Idade de Bronze; idade heroica; e Idade de Ferro. Na mitologia grega clássica, a Idade de Ouro foi presidida pelo Titã Cronos.

⁴³ οὐ παύσεσθε φόνοι οὐ δυσηχέος; οὐκ ἔσοράτε
ἀλλήλους δάπποντες ἀκηδ᾽ ἰησι νόοιο

e a vida lhes arrancando, as próprias carnes devoram.⁴⁴
(SEXTO EMPÍRICO, IX, 127)

Os fragmentos DK 31 B136 e DK 31 B 137 nos revelam o horror ao deramamento de sangue e ao consumo de carne, pois se seguirmos realmente a teoria de Empédocles, aos matarmos um animal, podemos estar a matar nosso filho ou nosso próprio pai, o que é bem visível analisando o segundo verso de DK 31 B 136, no qual se pressupõe que Empédocles está a fazer uma súplica para que as pessoas percebam que estão devorando uns aos outros. O mesmo apelo se encontra nos primeiros versos de DK 31 B 137, onde Empédocles descreve o sacrifício de um animal, como se fosse um pai matando seu próprio filho.

Empédocles descreve os sacrifícios tradicionais, que seriam, segundo ele, ocasiões em que as pessoas se arvoravam em matar e alimentar-se com as carnes dos sacrifícios. Todo sacrifício é divino, isto é, uma atividade realizada em honra aos deuses, mas para agradar aos deuses, sendo Empédocles um cultor de *Philotes* e Afrodite (PEREIRA, 2017, p. 244) – cf. DK 31 B 128 a referência à deusa Cípris como “rainha”, que corresponde, como já mostramos no tópico anterior, a Afrodite nos fragmentos e nos poemas hesiódicos –, as oferendas não poderiam ser realizadas com sangue. Antes, eram ofertadas presumivelmente representações da deusa, ou para a deusa, como se nota na descrição de pinturas de figuras de animais (afinal, Cípris é a padroeira das criaturas vivas), perfumes, incenso e mirra e mel (WRIGHT, 1981, p.283). Ora, como já é sabido por nós, segundo Empédocles, nem Ares, nem

⁴⁴ μορφήν δ' ἀλλάξαντα πατήρ φίλον υἰόν ἀεΐρας
σφάζει ἐπευχόμενος μέγα νήπιος Χοῖ δ' ἔ πορευῦνταιΧ
λισσόμενον θύοντες' Χό δ' ἀνήκουστοςΧ ὄμοκλέων
σφάξας ἐν μεγάροισι κακὴν ἀλεγύνατο δαίτα.
ὥς δ' αὖτως πατέρ' υἱός ἐλών καί μητέρα παῖδες
θυμὸν ἀπορραΐσαντε φ'ίλας κατὰ σάρκας ἔδουσι

Zeus, nem Poseídon, nem Cronos eram deuses para os humanos, mas apenas “Cípris, rainha”. Cípris-Afrodite é, em suma, a que preside e mantém coesas as formas de vida.

2.4 AFRODITE (ΑΦΡΟΔΙΤΗ)

Philotes é aquela força interna que, nos próprios elementos-raízes, atua na união, no nascimento de novas combinações, é justo dar-lhe o seu nome tradicional e popular de Afrodite, embora os mortais possam ter uma imagem incompleta e mutilada dela. Afrodite é deslumbrante, os homens a contemplam deslumbrados, como que se fascinados por sua luz. Empédocles revela aos homens o bem de *Philotes*, de amor, de afeto. Ela faz a vida florescer das entranhas da terra, ela é a personificação dos poderes geradores da natureza e a mãe de todos os seres vivos. Dessa forma, sendo popularmente conhecida como a deusa do amor, que excitava a paixão nos corações de deuses e homens, e por deter esse poder, governa sobre toda a criação viva. Nos versos 20-26 de DK 31 B 17, transmitidos por Simplício, podemos encontrar a primeira referência de *Philotes* com o nome da deusa Afrodite:

[...] e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura;
contempla-a co’ a mente, e com os olhos não te sentes pasmo;
ela entre mortais se considera implantada em seus membros,
por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem,
de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite.
Ela por entre eles se enrolando não a viu nenhum
mortal; mas tu ouve do discurso a sequência não enganosa.⁴⁵

⁴⁵ και φιλόττης ἐν τοῖσιν, ἴση μῆκος τε πλάτος τε
τήν σου νόφ δέρκευ, μηδ’ ὀμμασιν ἴσο τεθηπῶς
ήτις και θνητοῖσι νομίζεται ἐμφυτος ἄρθροις,

Aqui, Empédocles, especificamente afirma que *Philotes* não é para se ver com os olhos, mas sim que a nossa consciência sobre ela provém das nossas próprias experiências de atração, combinadas com nossos poderes de entendimento (CURD, 2016, p.72). Podemos afirmar que DK 31 B 17 é um fragmento essencial para explicar a filosofia de Empédocles e, ademais, que nos dá sinais claros da admiração do nosso filósofo-poeta pela deusa. De seu teor é possível depreender que, para Empédocles, *Philotes* está presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite.

Já o fragmento DK 31 B 22 pode nos sugerir que toda a atração, quer de semelhantes quer de dessemelhantes, é realizada por Afrodite: “[...] E assim mesmo quantas em mistura melhor se correspondem, umas às outras se amam, semelhadas por Afrodite.”⁴⁶ (SIMPLÍCIO, 160, 26). Afrodite traz partes separadas das raízes em misturas as adequando em proporções (WRIGHT, 1981, p.192), como vimos rapidamente em DK 31 B 96, no qual as misturas se ajustam à maneira da atração que provoca a união sexual.

Os detalhes de “moldar”, “colar” e “pregar” as peças em inteiros são apresentados no fragmento DK 31 B 71, em que Empédocles descreve como Afrodite encaixa uma mistura de elementos com o objetivo de criar os mortais: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de

τή τε φίλα φρονέουσι και ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,
Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμου ἡδ' Ἀφροδίτην
τήν οὐ τις μετά τοῖσιν ἐλισσομένην δεδάηκε
θνητός ἀνήρ' συ δ' ἄκουε λόγου στόλου οὐκ ἀπατηλόν.

⁴⁶ ἀλλήλοισ εστερκται ὁμοιωθέντ' Αφροδίτη"
ἐχθρα μάλιστ' (ὄσα) πλείστον ἀπ' ἀλλήλων διέχουσι
γέννη τε κρήσει τε και εἶδεσιν ἐκμακτοῖσι,
πάντη συγγίγνεσθαι ἀήθεα και μάλα λυγρά
ΧνικεογεννέστησινΧ ὅτι σφισι Χγένναν ὄργα

mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite...”⁴⁷ (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, 28).

Segundo Wright (1981, p.221), é nos fragmentos DK 31 B 71, DK 31 B 86, DK 31 B 87 e DK 31 B 95, todos preservados por Simplício, que Empédocles esclarece o princípio geral do trabalho de Afrodite neste mundo, o qual consiste em produzir a variedade da vida como a conhecemos, a partir das combinações das quatro raízes-elementos.

REFERÊNCIAS

FONTES

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- SOUZA, José Cavalcante. (org. e trad.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

⁴⁷ εἰ δὲ τί σοι περὶ τῶνδε λιπόζυλος ἔπλετο πισιστις,
πῶς ὕδατος γαιιτης τε και αιθέρος ἡελίου τε
κιρνομένων εἶδη τε γενοῖατο χροιά τε θνητῶν
τόσσ᾽ ὄσα νῦν γεγάασι συναρμωσθέντ᾽ Αφροδίτη

BIBLIOGRAFIA

- AFONASINA, Anna S. (ΑΦΟΗΑΣΙΗΑ, Анна, Сергеевна). The birth of harmony out of the spirit of tekhe. *ΣΧΟΛΗ*, v. 6, n. 1, 2012, p. 68-75.
- ANTUNES, C. L. B. 26 Hinos Homéricos. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13- 24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 3*, a Apolo. *Neolympikai*, 2017. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2017/01/hino-homerico-3-vv-1-178-apollo-delio.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 5*, a Afrodite. *Neolympikai*, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- BERNABÉ, Alberto. *Platão e o Orfismo: Diálogos entre religião e filosofia*. São Paulo, Annablume, 2011.
- BIGNONE, Ettore. *Empedocle : Studio critico, traduzione e commento delle testimonianze e dei frammenti*. Turin: Fratelli Bocca, 1916.
- BOLLACK, Jean. *Empédocle*, 4 vols. Paris, 1965-1969.
- BURKERT, Walter. *A Criação do Sagrado*. Tradução de Vitor Silva. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BURKERT, Walter. *A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Botman. São Paulo: EDUSP, 1991
- BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. 3rd ed. London: A. and C. Black, 1920.
- BURNET, John. *O Despertar da Filosofia Grega*. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- BURNS, Jonathan. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*, v.4, n.2, 2018, p. 40-53.
- CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C Guthrie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- CORRÊA, Paula da Cunha. *Harmonia: Mito e Música na Grécia Antiga*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- CURD, Patricia. Powers, Structure, and Thought in Empedocles. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 55-79.
- CURD, Patricia. Where Are Love and Strife? Incorporability in Empedocles. In: McCOY, Joe. (ed.) *Early Greek Philosophy*. The Presocratics and the Emergence of Reason. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2013. (Studies in Philosophy and the History of Philosophy vol 57.
- DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Antiga*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlin, 1901.
- DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2000.
- GAZZINELLI, Gabriela Guimarães (org.). *Fragmentos Órficos*. Tradução e organização. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007. Revisão Técnica de Jacira de Freitas. Caracteres gregos e transliteração de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- GUTHRIE. *Os Filósofos Gregos: de Tales a Aristóteles*. Tradução de Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- INWOOD, Brad. *The Poem of Empedocles*. (Revised Edition). Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOENFIELD. *Os Filósofos Pré Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

- LAKS, Andre. *Introdução à “Filosofia Pré-Socrática*. Tradução de Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Paulus, 2013.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume I: Introductory and Reference Materials. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 524.)
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume V: Western Greek Thinkers, Part 2. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 528). (Empédocles: Capítulo 22, p. 317-733.)
- LONG, A. A. *Primórdios da Filosofia Grega*. Tradução de Paulo Ferreira. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras 2008.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. *Les débuts de la philosophie: Des premiers poseurs grecs à Socrate*. Textes édités, réunis et traduits par André Laks et Glenn W. Most, avec la collaboration de Gérard Journée et David Lévy Stone. Paris: Fayard, 2016. (Empédocles: Capítulo 22, p. 659-819.)
- MARTIN, Alain; PRIMAVESI, Oliver. *L’Empédocle de Strasbourg*. (P. Strasb. Gr. Inv. 1665-1666). *Introduction, édition et commentaire*. Strasbourg: Bibliothèque Nationale et Universitaire de Strasbourg; Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1999.
- MARTINICH, *Ensaio filosófico: o que é, como se faz*. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- MCKIRAHAN, Richard. *A Filosofia Antes de Sócrates: uma introdução com textos e comentários*. Tradução de Eduarodo Wolf Pereira. São Paulo, 2013.
- OTTO, Walter. *Os Deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.
- OTTO, Walter. *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos*. Tradução de Ordep Trindade Serra, São Paulo: Odysseus, 2006.
- PEREIRA, Ivanete. *Aspectos sagrados do mito e do lógos: poesia hesiódica e Filosofia de Empédocles*. 2. ed. São Paulo: EDUC – Editora da PUC/SP, 2006. v. 1. 176p .
- PEREIRA, Ivanete. Πιζύματα: Raízes na cosmologia de Empédocles / Ivanete Pereira. Guarulhos, 2019.

- PEREIRA, Ivanete. Sobre o estatuto das formas de vida no legado de Empédocles. *Perspectiva Filosófica*, vol. 49, n. 2, 2022, p. 298-317.
- PESSANHA, José Américo Mota. "Empédocles e a democracia". In: *Kleos Revista de Filosofia Antiga*. Rio de Janeiro, 1965.
- PRIMAVESI, Oliver. Empedocles' Cosmic Cycle and the Pythagorean Tetractys. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 5-29.
- RAGUSA, Giuliana. *Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia*. *Letras Clássicas*, (5), 109-130.
- REALE, Giovanni. *Os Pré-Socráticos e o Orfismo*. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- ROSSETI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.
- SASSI, Maria Michela. *Os Inícios da Filosofia Grega*. Tradução de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Loyola, 2015.
- SEDLEY, D. Empedoclean Superorganisms. *Rhizomata*, v. 4, n. 1, p. 111-125. 2016. Também: SEDLEY, D. *Lucrecio and the transformation of Greek Wisdom* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- VERNANT, Jean-Pierre e DETIENNE, Marcel. *Métis: as astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.
- VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos: a figuração do outro na Grécia Antiga, Ártemis e Gorgó*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Figura, Ídolos e Máscaras*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- WRIGHT, M. Rosemary. *Empedocles: The Extant Fragments*. 2a ed. London: Bristos Classic Press, 1995; reprinted 2001. (1a ed., 1981.)

BIBLIOGRAFIA DE APOIO (DICIONÁRIOS, LÉXICOS E OUTRAS OBRAS DE REFERÊNCIA)

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. 26ª. ed. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias II – Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Botmann, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I Economia, Parentesco, Sociedade*. Tradução de Denise Botmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos*. Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1976.